

**BIBLIOTERAPIA E LITERATURA INFANTOJUVENIL: UMA
PROPOSTA DE HUMANIZAÇÃO DO ESPAÇO HOSPITALAR A
PARTIR DA FORMAÇÃO DE LEITORES
BIBLIOTHERAPY AND YOUTH LITERATURE: A PROPOSAL FOR
THE
HUMANIZATION OF THE HOSPITAL SPACE FROM THE
FORMATION OF
READERS**

Alexandra Ramos Barros¹

João Batista da Silva Gaoulart²

Ana Maria Bueno Accorsi³

Resumo

Quando internadas, as crianças e os adolescentes tendem a ver o hospital como um local desconhecido, não familiar, no qual passam por tratamentos e exames muitas vezes dolorosos e associam esta experiência a sentimentos como o medo e a insegurança. Nesse sentido, este artigo pretende sustentar que a proposta da *Biblioterapia*, conceito o qual corrobora a possibilidade da literatura desempenhar uma função de sublimação catártica na medida em que pode aliviar as tensões e a pressão das emoções, enquanto promoção da formação de leitores através da utilização de literatura infantojuvenil. Ao admitir-se como metodologia a possibilidade de terapia por meio da leitura de textos literários, considerando não apenas a leitura de histórias, mas os comentários adicionais a ela, o leitor/ouvinte valer-se-á de poderosos processos mentais - introjeção, projeção e introspecção -, adquirindo, portanto, valor terapêutico. Destarte, buscaremos a partir de uma vasta pesquisa bibliográfica, a afirmação de respostas às quais permitirão visualizar que a inserção da literatura em um espaço doloroso permite a fabulosa expectativa de que o imaginário possa dialogar com a dor e que os aspectos positivos e de esperança possam ser engendrados nesse contexto.

Palavras-chave: Biblioterapia. Espaço hospitalar. Formação do leitor. Humanização. Literatura infantojuvenil.

Abstract

When in hospital, children and adolescents tend to consider the hospital as an unknown, unfamiliar place, in which they undergo painful examinations and tests and associate this experience with feelings such as fear and insecurity. In this sense, this article intends to support that the proposal of bibliotherapy, a concept which corroborates the possibility of literature playing a role of cathartic sublimation insofar as it can relieve tensions and pressure of emotions, while promoting the reader development through use of children's and juvenile literature. By accepting as a methodology the possibility of therapy through the reading of literary texts, considering not only the reading of stories but the additional comments to it, the reader / listener will make use of powerful mental processes -

¹ Uergs - Licencianda em Letras Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa – ProEx - e-mail: contato@alexandrabarros.com.br;

² Uergs - Licenciando em Letras Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa – ProEx - e-mail: joaogoulart@uergs.edu.br;

³ Uergs – Orientadora - Doutora em Linguística e Letras - Professora Adjunta - e-mail: anaaccorsi@uergs.edu.br.

introjection, projection and introspection -, thus acquiring therapeutic value. From this, we will proceed a vast bibliographical research in order to seek for the affirmation of answers to which may allow us to prove that the insertion of literature in a painful environment allows the fabulous expectation that imaginary can dialogue with pain and that positive aspects and hope can be found in this context.

Keywords: Bibliotherapy. Children's and juvenile literature. Formation of the reader. Hospital environment. Humanization.

1 INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, temos percebido, por intermédio da literatura existente, avanços nas pesquisas. Tais desenvolvimentos tem se dado tanto da área das ciências humanas quanto na área das ciências biológicas, buscando a real possibilidade de humanizar o espaço hospitalar quando da internação de crianças e adolescentes, tornando, portanto, o tempo em que estes ali se encontram o mais agradável possível. Entretanto, para a criança ou o adolescente, ficar doente implica em muito desconforto tanto psicológico como físico, logo, não é algo divertido ou prazeroso.

Desta forma, quando a hospitalização torna-se imprescindível para o tratamento da criança ou do adolescente, essa decisão os conduz a uma nova realidade na qual mudanças de rotina são representadas pela presença de pessoas desconhecidas que ao passo em que ofertam cuidados, antagonicamente produzem novas sensações, não raras vivências de dor e desamparo. Ademais, há de se considerar que o adoecimento geralmente é percebido por essa população em crescimento como uma ruptura no processo normal do seu desenvolvimento, indesejado e capaz de mudar seu universo diário, além de acometer, indiretamente toda sua família e o círculo social em que vive.

Assim, pensando na criança e no adolescente hospitalizados, mesmo diante dos avanços de políticas humanizadoras do espaço hospitalar, é mister que possamos compreendê-los em suas necessidades a fim de contribuir para o seu desenvolvimento mental e cultural, minimizando as possíveis consequências de uma internação, tornando-a mais humana. Por outro lado, sabe-se que a literatura se manifesta universalmente por intermédio do ser humano, e em todos os tempos, tem função e papel humanizador. O sociólogo e crítico literário Antônio Candido (1989), em seu ensaio “Direitos Humanos e literatura”, defende a ideia de que não há um ser humano sequer que viva sem alguma espécie de fabulação/ficção, pois ninguém é capaz de ficar as vinte quatro horas de um dia sem momentos de entrega ao “universo fabulado”.

Neste sentido, assim propõe a teoria admitida pela **Biblioterapia**, na qual se infere a

possibilidade de a literatura desempenhar uma função terapêutica na medida em que alivia tensões e a pressão das emoções. Segundo Caldin:

A Biblioterapia admite a possibilidade de terapia por meio da leitura de textos literários. Contempla, não apenas a leitura de histórias, mas também os comentários adicionais a ela e propõe práticas de leitura que proporcionem a interpretação do texto. Assim, o sujeito, ao exercer sua liberdade de interpretar, cria novos sentidos ao lido. Também se pode dizer que as palavras não são neutras e, portanto, a linguagem metafórica tem a capacidade de conduzir o sujeito para além de si mesmo; é transcendental. (CALDIN, 2005, p. 14)

Segundo Louis Gottschalk (apud SHRODES, 1949), são construtos da biblioterapia: auxiliar o paciente a entender melhor suas reações psicológicas e físicas de frustração e conflito; ajudar o paciente a conversar sobre seus problemas; favorecer a diminuição do conflito pelo aumento da autoestima ao perceber que seu problema já foi vivido por outros; prestar auxílio ao paciente na análise do seu comportamento; proporcionar experiência ao leitor sem que o mesmo passe pelos perigos reais; reforçar padrões culturais e sociais aceitáveis, e, estimular a imaginação.

Direcionando a biblioterapia para a infância, Caldin (2001) apresentou como objetivos básicos da função terapêutica da leitura, o fato de proporcionar uma forma de as crianças comunicarem-se, de perderem a timidez, de exporem seus problemas emocionais e quicã físicos. Nesse sentido, a biblioterapia (recepção do texto literário) surge como uma sublimação catártica, que se vale da identificação (pela projeção e pela introjeção), da introspecção e do humor, atuando como construto moderador das emoções às crianças.

Desta forma, considera-se que a literatura destinada às crianças e aos jovens tem aplicabilidade terapêutica, na medida em que, especialmente com crianças hospitalizadas, com comprometimento de suas capacidades motoras e funções vitais, é possível fazer com que se identifiquem com uma personagem, por exemplo, fazendo com que vivam situações impossíveis na vida real, naquele momento. Assim, nas palavras de Caldin (2004), “é a capacidade libertadora do texto literário” que se projeta adentro do espaço hospitalar a fim de estimular o prazer pela leitura, formando leitores que, ao romper as paredes da realidade, serão capazes de inserirem-se em um mundo onde a imaginação também pode se constituir em um construto de suas histórias.

2- A CRIANÇA E O ADOLESCENTE HOSPITALIZADO

A criança e o adolescente hospitalizados submergem em um ambiente que em nada se reporta à vida que levavam até este momento. Ressalta-se que uma das mais importantes

perdas referentes ao período de hospitalização é quando os jovens se encontram em idade escolar e precisam parar de frequentar a escola e de conviver com seus colegas e professores. Segundo Coelho (2001) as implicações de uma doença e seus aspectos (social, emocional e cognitiva) se diferenciam muito e podem variar dependendo da idade da pessoa.

Deve ser ressaltado que ao adoecimento infantil conotam-se fantasias mobilizadas em decorrência dessa situação. Estas ideias pré-internação surgem justamente como uma ancoragem segura, um porto que funciona como fluxos de certeza em momentos marcados pelo desconhecimento frente ao objeto desconhecido. As fantasias são formas de equilíbrio psíquico utilizado de modo inconsciente a fim de se proteger da angústia ameaçadora que os invadem diante do desconhecido. Segundo Saggese e Maciel (1996) esses aspectos intensificam-se diante de internação hospitalar. A instituição “Hospital” implica o desconhecido para a criança. Esta instituição conota-se tanto à perda do ambiente doméstico e seu aparato de singularidade quanto à quebra do ritmo de um cotidiano que envolve a perda da escola e dos horários habituais e, finalmente, à adaptação a um novo sistema e suas rotinas.

As implicações decorrentes da internação podem se organizar em uma série de sentimentos de desconforto, inclusive o processo de despersonalização ocasionado por grandes períodos de hospitalização em que o paciente passa a ser tratado em função dos sintomas que apresenta e, portanto, não mais pela sua singularidade enquanto indivíduo. Nesse sentido, Souza, Camargo e Bulgacov aduzem que “a criança concreta, que está atualmente internada em um hospital, tem um nome e, portanto, possui uma história que a faz singular” (SOUZA, CAMARGO E BULGACOV, 2003, p. 102). Assim, segundo Chiattonne (2003), os efeitos psicológicos que podem ser citados como correlatos à hospitalização, em crianças, podem ser: negação da doença, revolta, culpa e sensação de punição, ansiedade, depressão, projeção, solidão, frustração de sonhos e projetos, negativismo.

Uma das questões mais recorrentes na experiência de ser paciente hospitalar está no fato do sentimento e da emoção do medo. O medo de sentir dor, de sofrer, de morrer, de ficar longe da família, dos pais, etc., assume papel principal para as crianças e jovens no hospital. Kehl (2006) discute a importância do medo tanto como experiência infantil, quanto como experiência literária.

Argumenta a autora:

[...][as crianças] são fascinadas por tudo o que desperte nelas a vasta gama de sentimentos de medo. O medo é uma das sementes privilegiadas da fantasia e da invenção; grande parte dele provém das mesmas fontes do mistério e do sagrado. O medo pode ser provocado pela percepção de nossa insignificância diante do

Universo, da fugacidade da vida, das vastas zonas sombrias do desconhecido. É um sentimento vital que nos protege dos riscos da morte. Em função dele, desenvolvemos também o sentido da curiosidade e a disposição à coragem, que superam a mera função de defesa da sobrevivência, pois possibilitam a expansão das pulsões de vida. As crianças procuram o medo. As histórias infantis incluem sempre elementos assustadores que ensinam os pequenos a conhecer e enfrentar o medo. Curiosos e excitados, os pequenos exigem que os adultos repitam várias vezes as passagens mais amedrontadoras dos contos de fadas. A madrasta malvada da *Branca de Neve* é mais popular do que os bondosos anõezinhos, assim como a bruxa comedora de crianças de *João e Maria* ou o tenebroso Darth Vader, do contemporâneo *Guerra nas Estrelas*. (KEHL, 2006, p. 19)

De acordo com Caldin, “A criança frágil ou doente está muito preocupada consigo mesma e aprecia textos que falem de seus problemas. (...) A universalização dos problemas é uma garantia de que não está sozinha na sua dor.” (CALDIN, 2004, p. 74). Por conseguinte, as histórias que apresentam um fundo incentivador, que motivam as crianças a vencerem as doenças e encontrarem um final feliz devem ser trazidas à baila ao cognoscível infantil a fim de promover mudanças terapêuticas.

Desta forma, não é objeto deste estudo polemizar o tema criança e hospital, mas não há como falar nestes e não inferir sobre as possíveis lacunas no que diz respeito ao estudo da emoção no contexto de uma hospitalização. Os autores Souza, Camargo e Bulgacov (2003) constataram em suas pesquisas a predominância de comportamentos de repressão dos sentimentos através da prática discursiva reproduzida nos enunciados: “ela é boazinha”, “menino não chora”; assim, as emoções não são expressadas, o choro é contido, a dor fica escondida, a expressão de comportamentos agressivos são ignorados, logo, não validando sua expressão e, com isso, não valorizando a emoção presente em tais situações.

3- CONCEITUANDO BIBLIOTERAPIA E A AÇÃO HUMANIZADORA DA LITERATURA

Há milênios a Biblioterapia tem sido utilizada por muitas culturas, seja para fins medicinais, com fito terapêutico, no antigo Egito, ou entre gregos e romanos, na Idade Média, com a mesma intencionalidade. Paiva (2011) relata que a leitura não era somente utilizada para “aliviar os males da alma”, mas também era, na cultura muçulmana, tratamento auxiliar no cuidado à saúde. O autor reporta que na idade média, aproximadamente no ano de 1272, no Hospital Mansur, recomendava-se a leitura de trechos específicos do Alcorão como parte do

tratamento médico. Os estudos de Pereira confirmam ter sido utilizada a Biblioterapia no período de 1802 a 1853, “na América do Norte [...] em trabalho relacionando biblioteca e ação terapêutica”, pois a leitura de livros selecionados e adaptados às necessidades individuais seria “uma das melhores receitas para seus pacientes hospitalizados” (PEREIRA, 1996, p.31).

Nesta esteira, muitos conceitos têm sido propostos por estudiosos e procuram tematizar os seguintes aspectos: escolha de narrativas conforme as necessidades dos pacientes/leitores, comentários de leituras e compreensão destas e avaliação dos resultados. Ratton entende que a utilização de uma leitura dirigida aos pacientes, no processo de hospitalização, “é considerada atualmente na profilaxia, educação, reabilitação e na terapia propriamente dita, em indivíduos nas diversas faixas etárias, com doenças físicas ou mentais” (RATTON, 1975, p.200).

O nome específico de *biblioterapia* tem sua etimologia alicerçada em dois termos gregos “*biblion*: todo o tipo de material bibliográfico ou de leitura [e] *therapeia*: tratamento, cura ou restabelecimento” (PAIVA, 2011, p.90). Assim, hodiernamente, podemos conceituar biblioterapia como a utilização de recursos literários por intermédio da formação de leitores que contribuem para o desenvolvimento da maturidade, além de fortalecer e manter a saúde mental (apud SHODES, 1949). Na prática, há a preocupação em proporcionar ao público alvo do presente leituras que estimulem a alegria, o prazer e a descontração além de elementos necessários ao bem estar do leitor.

Caldin (2001) aduz que os suportes literários e imagéticos existentes nas leituras – elementos de ficção estimulantes de ler – adquirem pressupostos de perspectivas terapêuticas, pois, são narrativas que se encontram com as lacunas abertas durante a internação e que podem ser preenchidas por meio da fantasia, imaginação e emoção dos leitores. Afirma a pesquisadora, com relação à leitura de textos ficcionais que “a literatura imaginativa é útil para ajustar o indivíduo tanto em relação aos seus conflitos íntimos como em conflitos com os outros” (CALDIN, 2001, p.3).

Desta forma, a literatura tem importância equivalente na sociedade em suas diversas manifestações literárias (prosaicas, poéticas e dramáticas) em decorrência de suas crenças, seus sentimentos e suas normas, e assim fortalece a sua existência e atuação na comunidade social.

Antônio Candido aduz:

[...] a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão

presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. (CANDIDO, 1989, p. 113).

Ao revelar o sentido humanizador da literatura, observa-se que mesmo se ninguém passa o dia todo sem entrar no universo da ficção e da poesia, a literatura “parece corresponder a uma necessidade universal, que precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito”, conforme Candido (1989). Logo, a literatura representa, para as pessoas, “o sonho acordado da civilização”, e assim como não é possível haver equilíbrio psíquico sem sonho durante o sono, “talvez não haja equilíbrio social sem a literatura”. É por esta razão que, analogicamente, se expande o valor da literatura como fator indispensável de humanização, principalmente no ambiente hospitalar. Assim sendo, confirma o ser humano na sua humanidade, nos seus medos, nas suas angústias e em suas esperanças por atuar tanto no consciente quanto no inconsciente, constituindo-se, portanto, em um direito básico do ser humano, pois a ficção/fabulação atua no caráter e na formação dos sujeitos.

É mister inferir que por meio da literatura e suas facetas, é possível incentivar o prazer da leitura e a construção e disseminação da cultura bem como também desenvolver o espírito crítico, além de oferecer por meio do imaginário fantástico das histórias um ambiente onde a criança consiga brincar, experimentar e se conhecer.

Ressalta a Declaração Nacional dos Direitos das Crianças – UNICEF, 1959, que:

A criança tem direito a receber educação escolar, a qual será gratuita e obrigatória, ao menos nas etapas elementares. Dar-se-á à criança uma educação que favoreça sua cultura geral e lhe permita – em condições de igualdade de oportunidades – desenvolver suas aptidões e sua individualidade, seu senso de responsabilidade social e moral. Chegando a ser um membro útil à sociedade (UNICEF, 1959).

Como sugere Bruno Bettelheim (1980) em *A psicanálise dos contos de fadas*, a atração da literatura, principalmente em relação às crianças, consiste em seu poder de simbolizar e “resolver” os conflitos psíquicos inconscientes. Neste sentido, a literatura destinada às crianças e aos jovens tem aplicabilidade terapêutica, na medida em que, especialmente com crianças hospitalizadas, com comprometimento de suas capacidades motoras e funções vitais, é possível fazer com que se identifiquem com uma personagem, por exemplo, fazendo com que viva situações impossíveis na vida real, naquele momento. Para Caldin: “É a capacidade libertadora do texto literário” (CALDIN, 2004, p.86). Caldin argumenta que “Na psique infantil o imaginário e a fantasia podem ser liberados pelo contato literário (escrita, audição ou leitura), pois são constitutivos da atividade criadora da criança sobre a realidade” (CALDIN, 2004, p.72).

Corso e Corso , afirmam que “frequentar as histórias imaginadas por outros, seja escutando, lendo, assistindo a filmes ou a televisão ou ainda indo ao teatro, ajuda a pensar a nossa existência sob pontos de vistas diferentes.” (CORSO e CORSO, 2006, p.29). Além disso, no sentido de completar o esboço ora feito, Coelho argumenta, em seu livro *Literatura Infantil: Teoria, análise e prática*, que: “as histórias em quadrinhos são tão válidas quanto os livros de figuras, como processo de leitura acessível ou adequado às crianças pequenas” (COELHO, 1991, p.194). Afirma a seguir que o interesse que as crianças demonstram por esse tipo de leitura é explicado pela “facilidade com que esse tipo de leitura ‘fala’ à mente infantil; ou melhor, atende diretamente à natureza ou necessidades específicas da criança” (COELHO, 1991, p.195).

Desta forma, esses estudiosos e a legislação apresentada, além das demais fontes que serão consubstanciadas no decorrer da aplicação do projeto alicerçarão com bases fortes o presente, fazendo com que se consiga atingir os objetivos propostos, a saber: que os pacientes entrem em um mundo de faz de conta, pelas portas da imaginação, deixando de lado o dia-a-dia de um ambiente hospitalar.

No prefácio de *Fadas no divã: a psicanálise nas histórias infantis*, Kehl afirma que:

[...] do ponto de vista do ouvinte infantil, não faz muita diferença se a história é passada ou contemporânea. Os contos que aparentemente não correspondem a questões do mundo atual interessam à criança, sempre aberta a todas as possibilidades da existência e capaz de identificar-se com as personagens mais bizarras e as narrativas mais extravagantes. Como a criança ainda não delimitou as fronteiras entre o existente e o imaginoso, entre o verdadeiro e o verossímil (fronteiras estabelecidas, em parte, pelo recalque das representações inconscientes), todas as possibilidades da linguagem lhe interessam para compor o repertório imaginário de que ela necessita para abordar os enigmas do mundo e do desejo. (KEHL, In: CORSO; CORSO, 2006, p. 17)

O medo é um constitutivo emocional do ser humano e, como tal, o medo de sentir dor, de sofrer, de morrer, de ficar longe da família e dos pais, etc., assume papel principal para as crianças e jovens no hospital. Kehl discute a importância do medo tanto como experiência infantil, quanto como experiência literária. Argumenta a autora:

[as crianças] são fascinadas por tudo o que desperte nelas a vasta gama de sentimentos de medo. O medo é uma das sementes privilegiadas da fantasia e da invenção; grande parte dele provém das mesmas fontes do mistério e do sagrado. O medo pode ser provocado pela percepção de nossa insignificância diante do Universo, da fugacidade da vida, das vastas zonas sombrias do desconhecido. É um sentimento vital que nos protege dos riscos da morte. Em função dele,

desenvolvemos também o sentido da curiosidade e a disposição à coragem, que superam a mera função de defesa da sobrevivência, pois possibilitam a expansão das pulsões de vida. As crianças procuram o medo. As histórias infantis incluem sempre elementos assustadores que ensinam os pequenos a conhecer e enfrentar o medo. Curiosos e excitados, os pequenos exigem que os adultos repitam várias vezes as passagens mais amedrontadoras dos contos de fadas. A madrasta malvada da *Branca de Neve* é mais popular do que os bondosos anõesinhos, assim como a bruxa comedora de crianças de *João e Maria* ou o tenebroso Darth Vader, do contemporâneo *Guerra nas Estrelas*. (KEHL, In: CORSO; CORSO, 2006, p. 19)

Assim, a seleção das histórias a serem trabalhadas durante a incursão biblioterápica devem seguir orientações sobre escolhas encontradas em bibliografia específica e no diagnóstico que será apresentado sobre cada paciente, não só com o intuito de aproximar a instituição hospital do paciente, como promover o aspecto humanizador. De acordo com Caldin, “A criança frágil ou doente está muito preocupada consigo mesma e aprecia textos que falem de seus problemas. (...) A universalização dos problemas ‘(a criança como singular e pessoal e não como quadro sintomático produto de uma fórmula cartesiana institucional)’ é uma garantia de que não está sozinha na sua dor” (CALDIN, 2004, p. 74). Deste modo, as histórias que apresentam um fundo incentivador, que motivam as crianças a vencerem as doenças e encontrarem um final feliz devem ser trazidas à baila ao cognoscível infantil a fim de promover mudanças terapêuticas.

4- A BIBLIOTERAPIA COMO MÉTODO DE PACIFICAÇÃO DAS EMOÇÕES

Em seus estudos, Caldin (2001) entende que a utilização da leitura como função terapêutica admite a possível pacificação das emoções. Nesse sentido, reporta-se a Aristóteles e observa que o estagirita, em seus estudos sobre a catarse, entende ser ela a liberação da emoção resultante da tragédia. Este ato de libertação das emoções - piedade e medo - proporcionaria uma espécie de alívio prazeroso. Entrementes, partindo da hipótese de que toda experiência poética é catártica, convém recordar que o filósofo utiliza-se do vocábulo médico - que indica purificação do corpo de elementos nocivos -, e tomou-o no sentido de uma purificação psicológica e intelectual. Desta maneira, ao estender o alcance da palavra, Aristóteles (1966) a conota também ao fenômeno estético, portanto, serenidade, sublimação. Portanto, segundo Caldin (2001) a leitura do texto literário atua no leitor e no ouvinte como efeito de aquietação, serenidade produzida pela liberação da emoção interiorizada.

Esta relação entre a psique humana e a literatura não é algo novo e totalmente desconhecido. Inicialmente, essa relação encontra alicerce nas simbólicas observações

psicanalíticas de Freud sobre a escrita - arte poética -, desde os gregos e perpassando seus representantes modernos, a saber: Shakespeare e Dostoievski. Posteriormente, Jung fez análises que vislumbraram em Goethe, Nietzsche, Spitteler, Dante e Blake personalidades muito criativas e que propiciavam mudanças transformadoras no mundo, bem como com Vygostky, na psicologia infantil ou com Sartre - literatura e filosofia existencial -, a relação entre psique humana/literatura foi se estruturando no final do século XIX e firmando-se em todo o século XX.

Wolfgang Iser (1999), ao organizar os princípios da Estética da Recepção, considerou que as teorias psicanalíticas do efeito literário, verificou que em relação às reações dos leitores, a literatura tem um caráter compensatório. Assim, concluiu o professor de inglês de Literatura Comparada da Universidade de Constance que a ideia dos textos literários mudam, em um sentido terapêutico, o estado psíquico do leitor que pode assim descobrir o verdadeiro significado já é algo tanto trivial.

Caldin (2001), com base em seus estudos na tese de Caroline Shrodes, autora de *The Conscious Reader*, infere que a leitura dirigida e a discussão em grupo favorecem a interação entre as pessoas, desta forma, levando-as a expressão de seus receios, angústias e anseios. Aduz que, assim, o sujeito desprende-se da solidão e avoca, por meio da interação construtos criados em grupo, a resolução de seus problemas partilhados. Na infância, a leitura tem sua função terapêutica ao proporcionar a interação comunicativa, motivando a perda da timidez a fim de que as crianças e jovens possam expor seus problemas emocionais, de forma lúdica e com o auxílio do texto escrito e oralidade, o dito e o desdito, a afirmação e a negação, o fazer e o desfazer, o ler e o falar, assim, imbricados de modo a conduzi-los à reflexão sobre o que passam. Dessa maneira, entende-se a biblioterapia como catarse, que se vale dos processos mentais de identificação - projeção e introjeção -, da introspecção e do humor, validando-a como moderação das emoções às crianças.

Nessa esteira, necessário se faz entender, embora de forma sucinta, pois, não é objeto deste artigo adentrar à seara da psicologia, alguns conceitos acerca dos processos mentais. No entanto, relativamente ao assunto, segundo o Vocabulário de Psicanálise:

- a) Identificação é "um processo psicológico pelo qual um sujeito assimila um aspecto, uma propriedade, um atributo do outro e se transforma, total ou parcialmente, segundo o modelo desse outro". Assim, o processo mental de identificação, como teoria freudiana do desenvolvimento da personalidade, começa cedo na nossa vida, a partir da identificação que temos com nossos pais, com pessoas que admiramos e com os animais (LAPLANCHE; PONTALIS, 1994, p. 226);

- b) Introjeção constitui-se em um processo que se evidencia pela investigação analítica e relaciona-se com a identificação: "o sujeito faz passar, de um modo fantasístico, de 'fora' para dentro', objetos e qualidades inerentes a esses objetos" (Ibidem, p. 248);
- c) Projeção é a transferência de nossas ideias, sentimentos, intenções, expectativas e desejos a outras pessoas. "no sentido propriamente dito, operação pela qual o sujeito expulsa de si e localiza no outro – pessoa ou coisa – qualidades, sentimentos, desejos e mesmo 'objetos' que lê, desconhece, ou recusa nele" (Ibidem, p. 374).

Segundo o dicionário Michaelis (1998), introspecção é a "descrição da experiência pessoal em termos de elementos e atitudes" a "observação, por uma determinada pessoa, de seus próprios processos mentais". Ou seja, a leitura, no aspecto terapêutico, ao favorecer tal processo mental conduz o indivíduo à reflexão acerca de seus sentimentos, pois, provoca a possibilidade de rever comportamentos.

E, por fim, trazemos à baila, de forma sucinta, o conceito de Freud (1969) acerca do humor, a fim de compreendermos que esta expressão se configura como um "triunfo do narcisismo, visto que o ego se recusa a sofrer". Então, o humor é, deste modo, a ação do superego agindo sobre a fim de protegê-lo diante das circunstâncias adversas, assim, transformando dor em prazer. Desta maneira, nesses construtos moderadores e interacionais da ativação existencial do leitor/ouvinte, vislumbra-se que o método biblioterapêutico se consiste por meio da dinamização e ativação da linguagem. Para o leitor/ouvinte, as palavras não são neutras e elas o conduzem adiante de si mesmo; o leitor/ouvinte projeta sua metamorfose além do pensamento e da ação.

Nesse contexto, o diálogo da prática biblioterapêutica é contido no texto que proporciona o devido espaço para os comentários e interpretações, escolhas de pensamento e de comportamento. Logo, tais relações subjetivas permitem o fluxo de alteridade e a criação de novos sentidos. No entanto, assevera-se que a biblioterapia não deve ser confundida com as sessões psicoterápicas, já que esta ocorre entre paciente e terapeuta e essa se configura entre ouvinte e leitor; porém, com o texto desempenhando o papel de terapeuta, proporcionando algo diferente, agregando ao lúdico as reflexões, os gestos e os sorrisos que validam o sentimento de não estarem o leitor e o ouvintes sozinhos, ao contrário, a literatura unirá o grupo.

5- APLICANDO A BIBLIOTERAPIA

Caldin (2001), em revisão a sua obra, analisou o projeto *Literatura infantil e Medicina pediátrica: uma aproximação de integração humana*, desenvolvido pela Pontifícia

Universidade Católica do Rio Grande do Sul e cinco subprojetos vinculados ao projeto-matriz, *Por uma Política de Incentivo à Leitura*, da Universidade da Região de Joinville. Diante da revista constatou que as histórias lidas às crianças amenizaram sua situação incapacitante e proporcionaram alívio temporário das dores e dos medos advindos da doença e do ambiente hospitalar. Tais projetos, desenvolvidos por formandos e coordenados por professoras do Curso de Letras das referidas universidades, desenvolveram trabalho de terapia por meio da leitura na ala pediátrica de hospitais de Porto Alegre e de Joinville.

Nesse sentido, vimos a importância de propor em nossa universidade - Universidade do Estado do Rio Grande do Sul (Uergs) - projetos tanto de extensão quanto de pesquisa que pudessem abarcar todos os conhecimentos que adquirimos ao estudar o vasto referencial teórico, foco deste artigo. Assim, no curso de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa- teve gênese o projeto de extensão intitulado: “*Biblioterapia: Humanização do espaço hospitalar para crianças e adolescentes da ala Pediátrica*”. Tal projeto tem como objetivo o entretenimento de crianças e de adolescentes hospitalizados, visando trazer conforto psicológico a esses pacientes e, subjetivamente, a todos os demais envolvidos no tratamento, buscando amenizar o tempo no qual a criança e o adolescente ficarão internados no hospital. Assim, para dar suporte à extensão, foi introduzido o desenvolvimento e a criação de um projeto de pesquisa contendo pressupostos metodológicos que descrevessem os riscos e os benefícios.

Isto posto, elegemos como *corpus* da pesquisa o Hospital Materno Infantil Presidente Vargas (HMIPV) de Porto Alegre. A instituição é referência nacional em atendimento de crianças e de adolescentes em contexto de vulnerabilidade, que serve de modelo a outros municípios e estados brasileiros no combate à pedofilia e na assistência integral a crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual. Para tanto, a fim cumprir os protocolos legais da legislação vigente, Resolução nº 466/2012 - Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, (BRASIL, 2012), submetemos o projeto ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da respectiva instituição hospitalar e de nossa Universidade, na Plataforma Brasil, a fim de legitimação e efetivação da pesquisa em campo.

Sendo assim, ao propor o projeto e este buscar em sua gênese a inserção em um espaço doloroso a fabulosa expectativa de que o imaginário possa dialogar com a dor e que aspectos positivos e de esperança possam ser geridos neste contexto, estamos realmente buscando aferir que a literatura pode se fazer instrumento de estímulo à criatividade das crianças e dos jovens, além de incentivar o prazer pela leitura. Por fim, entende-se a possibilidade de que por meio da leitura e sua inserção no mundo lúdico, a criança e o jovem possam utilizar sua

imaginação para “sair” do hospital e ir muito além. Nas palavras de Caldin: “O resgate do sonho, do imaginário e do lúdico forneceu um suporte emocional às crianças enfermas. Os registros dos leitores de histórias corroboraram a eficácia da biblioterapia em explorar a literatura infantil como integradora no processo de cura que envolve mente e corpo” (CALDIN, 2001, p.3).

6- CONSIDERAÇÕES FINAIS

A introdução de atividades de humanização no contexto hospitalar, nas áreas pediátricas, não deve ser restrita a sonhos e planejamentos, referenciais e metodologias, mas, efetivamente, à prática. Quando falamos em desconforto provocado pela internação, não é para gerar o “desconforto” institucional em ouvir a terminologia. Mas, tem o fulcro de gritar que a hospitalização não deve ser servida tão somente de remédios, paredes e tetos brancos, nem entender que o “leito” está imune de pensamentos de medo, ansiedade, monotonia. Ao aproximar a prática de leitura como estratégia de humanização, podemos sim lograr efeitos positivos para as crianças e adolescentes hospitalizados. A leitura, a formação do leitor/ouvinte, a aproximação do lúdico e imagético às crianças hospitalizadas é uma estratégia de cuidado humanizado na atenção integral à saúde. Afinal, as crianças internadas, em geral, estão submetidas aos desconfortos psicológicos decorrentes à fragilidade desencadeada pela patologia presente da condição de estar, mas também por ser um ambiente totalmente diferente do que está acostumada a conviver.

Nesse contexto, a introdução da literatura torna-se mister na estratégia de humanização do espaço hospitalar, pois, aprimora a relação da criança com as pessoas ao seu redor, sua socialização no hospital e seus parceiros, facilitando a adesão ao tratamento. A biblioterapia deve ser constituída em atividade interdisciplinar, podendo ser desenvolvida em comum, ali mesmo, na instituição. Não é utopia imaginar profissionais de Letras, Literatura, Biblioteconomia, Medicina, Psicologia e Enfermagem conversando e contando histórias, em um exercício aberto a críticas, contribuições e parceiras. Afinal, somos todos contadores de histórias e para contá-las basta sermos ouvintes e interagirmos com eles. Assim, é pela linguagem criativa e bem-humorada dos livros infantojuvenis que se faz o trampolim à reflexão individual. E desta maneira, o pequeno leitor e leitora, ao ressignificar conceitos dá seu brado de liberdade às angústias, medos e constrangimentos graças à magia e encantamento oferecidos pelo livro.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução de Eudoro de Souza. Porto Alegre: Globo, 1966.
- BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Tradução de Arlene Caetano. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional da Saúde. Resolução nº 466 de 12 de dezembro de 2012. Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Brasília, 2012.
- CALDIN, Clarice Forkamp. **A poética da voz e da letra na literatura infantil**: (leitura de alguns projetos de contar e ler para crianças). 2001. 261 f. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- CALDIN, Clarice Fortkamp. “A aplicabilidade terapêutica de textos literários para crianças”. *Bibliotecom*. Florianópolis: Encontros Bibli, n. 18, 2004. P. 72-89. Disponível em: <<http://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2004v9n18p72/5474>>. Acesso em 24 jun. 2018.
- CANDIDO, Antonio. **Direitos humanos e literatura**. São Paulo: Brasiliense, p. 107-126, 1989.
- CHIATTONE, H. B. C. A criança e a morte. In: *E a psicologia entrou no hospital....* ANGERAMI-CAMON, V. A. São Paulo: Pioneira, 2003, p. 69-141.
- COELHO, M. O. A dor da perda da saúde. In: ANGERAMICAMON, V. A. *Psicossomática e a psicologia da dor*. São Paulo: Pioneira, 2001, p. 69-92.
- COELHO, Nelly Novaes. *Literatura Infantil: Teoria, análise e didática*. São Paulo: Ática, 1991. 247 p.
- CORSO, Diana; CORSO, Mário. *Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis*. Porto Alegre; Artmed, 2006.
- FREUD, Sigmund. *Os chistes e suas relações com o inconsciente*. Tradução de Margarida Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- ISER, Wolfgang. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. Tradução de Johannes Kretschmer. São Paulo: Ed. 34, 1999. 2 v.
- KEHL, Maria Rita. “A criança e seus narradores.” In: CORSO, Diana; CORSO, Mário. *Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis*. Porto Alegre; Artmed, 2006. P. 15-22
- MICHAELIS: *pequeno dicionário da língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 1998.
- PAIVA, Lucélia Elizabeth. *A arte de falar da morte para crianças*. São Paulo: Ed. Ideias & Letras, 2011.
- PEREIRA, Marília Mesquita Guedes. *Biblioterapia: proposta de um programa de leitura para portadores de deficiência visual em bibliotecas públicas*. João Pessoa: Ed. Universitária, 1996.

RATTON, Angela Maria Lima. Biblioterapia. *Revista Esc. Bibliotecon.* Belo Horizonte: UFMG, 1975, p.198-214.

SAGGESE, E. S. R.; MACIEL, M. O brincar na enfermagem pediátrica: recreação ou instrumento terapêutico? *Pediatria Moderna.* v. 32, n. 3, p. 290-292, 1996.

SARTRE, Jean-Paul. *Que é literatura?* Tradução de Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Ática, 1989.

SOUZA, S. V.; CAMARGO, D.; BULGACOV, Y. L. M. Expressão da emoção por meio do desenho de uma criança hospitalizada. *Psicologia em Estudo.* n. 8, v. 1, p. 101-109, 2003.

UNICEF. Declaração Universal do Direitos da Crianças. Disponível em <http://www.dhnet.org.br/direitos/sip/onu/c_a/lex41.htm>. Acesso em 18 jun. 2018.